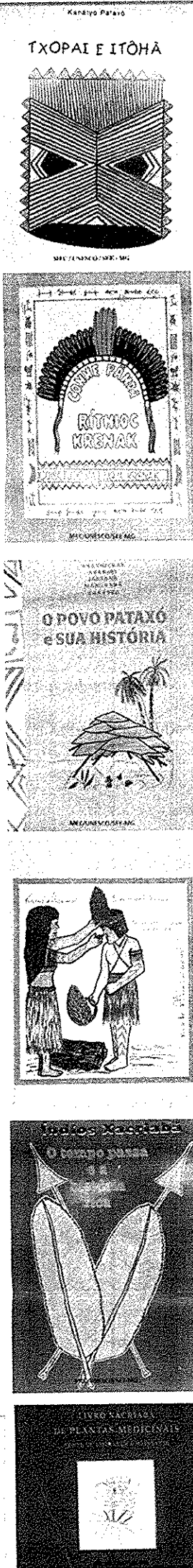


EDUCAÇÃO INDÍGENA

Questão de identidade

Cresce a produção de livros didáticos editados pelo MEC para os povos indígenas



“Pataxó é a água da chuva batendo na terra, nas pedras, e indo embora para o rio e o mar”.

(Trecho de *Txopai e Itôha*)

PAULO GUSMÃO

A História contada nos quadros negros das escolas brasileiras sempre foi abordada sob o prisma do homem branco. Uma história de vencedores, onde os índios eram citados mas sua cultura ficava restrita a aspectos pitorescos e a uma ou outra contribuição à construção de nosso idioma, artesanato e culinária. O que se perdeu de experiências seculares em medicamentos, relação com a natureza e folclore, por conta da tradição oral das sociedades indígenas, daria para reescrever a formação da identidade brasileira.

Em 1991, um conjunto de diretrizes para o ensino das populações indígenas destacava a necessidade de conservar os aspectos culturais dessas sociedades, estimulando a produção de livros didáticos específicos para esses povos. Em 1993, consolidava-se o projeto de produção de livros, com edições destinadas às diversas etnias.

Formação - Para tanto, o apoio do MEC aos cursos e à formação de educadores indígenas tornou-se fundamental – sendo importante destacar a colaboração dos técnicos da Unesco às secretarias estaduais de Educação das áreas onde vivem as nações enfocadas. São esses mesmos professores que encaminham aos especialistas os rascunhos de publicações, sempre atentos ao tipo de linguagem que preserve as características únicas de cada povo.

Depois de analisados por uma comissão,



Só neste ano foram editados livros e cartilhas para os Pataxó (dois), Maxacali (um), Krenak (um) e Xacriabá (dois)

os livros são editados pelo MEC e distribuídos para os professores indígenas. A única exigência é que esse material didático reflita a visão do mundo do povo em questão. O material pode ser bilíngüe, ou não.

O Comitê Nacional de Educação Indígena é o responsável pela análise da qualidade pedagógica, lingüística e antropológica, cuidando para que não surjam equívocos e preconceitos.

A produção desses livros didáticos foi incrementada a partir do ano passado, com a elaboração de três livros por mês, em média. Para se ter uma idéia, somente este ano foram editados livros e cartilhas didáticos para os seguintes povos, todos de Minas Gerais: dois para os Pataxó, um para os Maxacali, um para os Krenak e dois para os Xacriabá. Até 1997, a média de publicações era duas por semestre.

Reconhecimento - A experiência brasileira ganhou reconhecimento internacional, além de virar referencial para outras políticas públicas voltadas para esses povos. O Brasil deve começar em agosto, em parceria com a OEA, a criação de um banco de dados que inicialmente catalogará informações sobre os povos indígenas de oito países da América Latina. A intenção é que, com o desenvolvimento do projeto, todos os países do continente sejam beneficiados pela iniciativa. Também deve-se ressaltar a importância das participações de organizações não-governamentais no projeto, estimulando a criação das identidades autóctones e divulgando a cultura desses povos.

Função das publicações

“Por volta de 1500, começou a história triste, quando chegaram os navegadores europeus...”

E essa gente estranha, vejam só que engano, a tantas nações tão diversas, deram um único nome: índios”.

(Trecho de *Coisa Tudo na Língua Krenak*).

Abordar a história sob a perspectiva das nações indígenas não é a única função das publicações. Nessa experiência, que já completa cinco anos, foi produzido um material de qualidade englobando assuntos tão diversos como Geografia, plantas medicinais e gramáticas das línguas de cada nação.

O resultado é que essas cartilhas e livros têm virado material de estudo, inclusive em instituições de ensino tradicional. Algumas universidades mostraram interesse em divulgar as formas de visão do mundo das nações indígenas como contraponto à história “dos vencedores”, enquanto outros grupos mostraram demanda por publicações específicas, como o *Livro Xacriabá de Plantas Medicinais*.

Pode ser um pequeno passo rumo ao reconhecimento de homens e mulheres que habitavam o Brasil, muito antes de o País ter esse nome. Quem sabe, a oportunidade de aprender com eles o que é ser brasileiro. Uma coisa é certa: a preservação de suas identidades permite não só o acesso a novas técnicas e maneiras de ver o mundo. Permite também ao Brasil redesenhar suas fronteiras do auto-conhecimento.